

As rãs que ninguém via

Um biólogo português embrenhou-se numa reserva de Madagáscar para ver e ouvir alguns dos anfíbios mais raros do mundo. Descobriu-os e quer agora contribuir para a conservação da ilha.

A rara *Heterixalus madagascariensis* é endêmica de Madagascar. Foi uma das espécies de anfíbios avistadas pelo biólogo português Gonçalo M. Rosa.



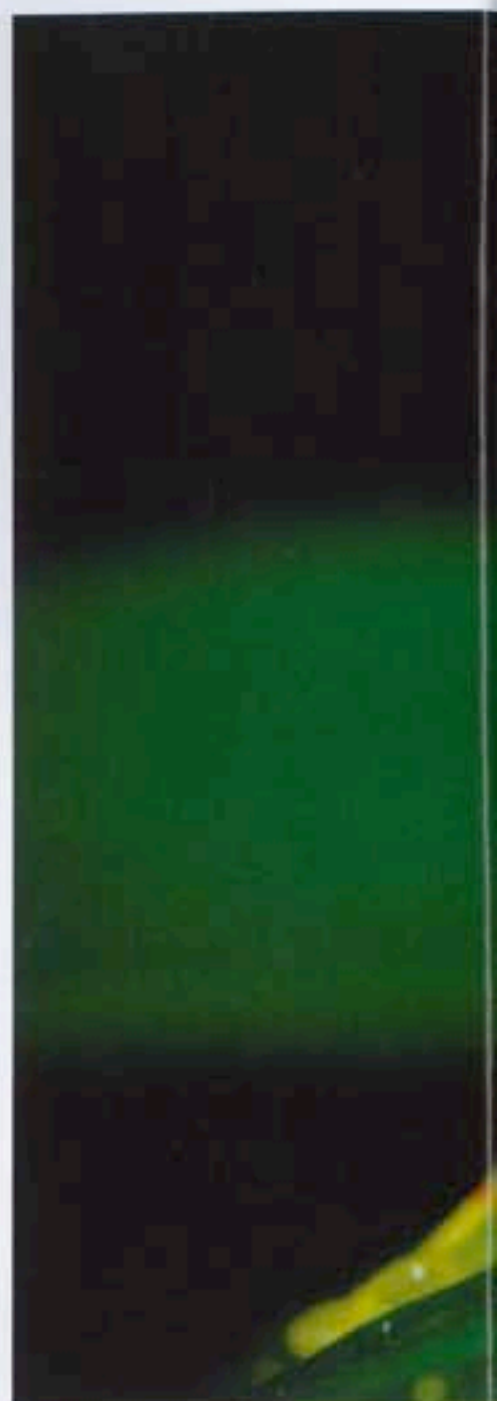
TEXTO E FOTOGRAFIAS DE GONÇALO M. ROSA

Ao cair da noite, um som desconhecido invade o acampamento na remota e inexplorada zona de Betakonana, no centro-sul da Reserva Natural Estrita de Betampona, em Madagáscar. Inicialmente abafado pelo ruído da queda de água de uma cascata, o estranho "croac croac" intensifica-se, espicaçando a nossa curiosidade. Terminamos à pressa a refeição de feijão com arroz. Carregamos as mochilas às costas e mais material à cabeça e precipitamo-nos para a cascata, na tentativa de decifrar o enigma. A poucos metros do local onde estávamos, o som torna-se ensurdecedor, e Jean Noël é o primeiro a ver! A alegria e excitação apoderam-se dele como uma criança ao abrir os presentes de Natal. *Boophis albilabris* é como é conhecida esta rã entre os cientistas. Um indivíduo desta espécie foi visto uma única vez há alguns anos por este guia na reserva. Hoje, deparamo-nos com um cenário incrível de dezenas de machos sentados sobre as rochas lambidas pela água da cascata, competindo em coros estridentes pela atenção das fêmeas que se aproximam, descendo das árvores.

A sensação de descobrir algo inédito é indescritível! É espantoso como em pleno século XXI são tantos os animais e plantas ainda por conhecer, perdidos nas florestas dos trópicos. Em 2007, uma expedição com olhos postos na conservação de uma comunidade de anfíbios levou-me mais uma vez à ilha dos lémures – Madagáscar. O destino era a pequena reserva de Betampona.

Com uma superfície terrestre de cerca 587 mil quilómetros quadrados, Madagáscar é um *hotspot* de biodiversidade. A multiplicidade de espécies e extraordinários níveis de endemismos está principalmente confinada às florestas tropicais da costa leste que, devido à pressão humana, têm vindo a ser destruídas, resultando num mosaico de fragmentos que representam menos de 7% da área original coberta por floresta primária.

Com mais de setenta espécies, os lémures são provavelmente os animais mais populares de Madagáscar, mas a nossa missão lida com animais menos conhecidos, como os anfíbios. Um resumo do "Global Amphibian Assessment" destaca Madagáscar com um 12.º lugar na lista dos países com maior riqueza específica de anfíbios. Entre os países com mais elevados níveis de endemismos, Madagáscar ocupa o primeiro lugar, a par da Austrália. Os anuros de Madagáscar constituem um dos mais ricos grupos de anfíbios, com 244 espécies já descritas. Apesar do declínio global, os seus padrões de diversidade não estão ainda bem estudados devido a uma clarificação incompleta, tanto a nível taxonómico como de distribuição das espécies. Por isso, a investigação é crucial.





A *Boophis bottae* é uma das espécies com vocalizações mais exuberantes nas florestas de Madagáscar. Os machos têm aliás dois tipos de canto.

Para preencher essa necessidade, o projecto concentrou-se na avaliação da diversidade de uma comunidade de anfíbios, bem como da sua distribuição, na Reserva Natural Estrita de Betampona. Betampona é um pedaço isolado, comparativamente pequeno, de floresta tropical de baixa altitude. Com apenas 2.228 hectares, contém uma notável diversidade de plantas e animais, incluindo muitas espécies ameaçadas.

Desde 2004 que a organização não-governamental Madagascar Fauna Group, que gere a reserva, tem redobrado esforços para desenvolver uma lista completa da diversidade desta área protegida. Após a realização do presente estudo, o número de rãs já foi elevado para a actual lista de aproximadamente noventa espécies.

O estudo dependeu do trabalho de campo que decorreu tanto na época de chuvas intensas como durante o período de menor

disponibilidade hídrica. A equipa no terreno teve a companhia de Franco Andreone (especialista de anfíbios de Madagáscar) durante as primeiras semanas. Na maior parte do tempo, foi formada por mim e por um guia local, Jean Noël, com o auxílio de um cozinheiro que preparava as três refeições diárias de feijão com arroz.

Mudávamos de acampamento de semana a semana numa tentativa de amostrar a maior área

possível nos limites da reserva, incluindo locais nunca antes amostrados ou com grande dificuldade de acesso. O trabalho era realizado durante o período da manhã, mas principalmente durante a noite quando o Sol adormecia. A maior parte das espécies tem actividade nocturna, exigindo muitas horas de busca com a máxima atenção. A visão é sem dúvida importante, embora a audição seja um bom complemento quando se procuram os machos estridentes de *Boophis bottae*, que aplicam toda a energia chamando fêmeas sobre a folha de uma árvore. Até a minúscula *Stumpffia*, com menos de dois centímetros, testa a nossa audição, emitindo uma única nota aguda repetida durante vários minutos.

Anotações como esta foram produzidas depois do avistamento de indivíduos e de confirmadas as coordenadas geográficas dos mesmos com recurso a GPS. Os cantos dos machos foram gravados, alguns dos quais pela primeira vez, como sucedeu com a *Mantidactylos aerumnalis*.

Com os avanços na genética, foi ainda possível confirmar uma proporção elevada (cerca de metade) de espécies de anfíbios por descrever, das quais 25 foram pela primeira vez avistadas durante as nossas incursões, como são os casos da *Blommersia* sp. "angolafa" e da *Platypelis* sp. "karenae", ambas em processo de descrição.

Ao longo da campanha, ciclones e grandes tempestades de chuva destruíam e inundavam os acampamentos, atrasando-nos. No final, porém, os resultados confirmaram a tremenda biodiversidade local, tendo em conta o tamanho reduzido de Betampona e comparando-a com outras áreas de grande riqueza específica, como Andasibe e a península de Masola. No caso da floresta de Andasibe, o número de espécies (110) é ligeiramente superior ao de Betampona, mas trata-se de uma floresta tropical localizada a maior altitude e uma área aproximadamente seis vezes maior.





Na Reserva Natural Estrita de Betampona, só havia registo de um avistamento da espécie *Boophis albilabris*. O biólogo Gonçalo M. Rosa (à esquerda) encontrou vários machos (em cima) competindo pela atenção das fêmeas.

entre populações de anfíbios e afecta a dispersão dos juvenis. De dia para dia, a preservação e integração destas pequenas manchas de floresta residual torna-se cada vez mais difícil devido à contínua sobreexploração por parte das populações locais.

Sem qualquer intervenção, Madagascar perderá grande parte da sua biodiversidade num futuro próximo e uma estratégia de conservação não pode ser assegurada apenas pelas reservas. Ainda assim, estamos diante de uma oportunidade sem precedentes para trabalhar com o governo malgaxe a fim de definir prioridades de conservação e reverter a situação. Até porque há milhares de segredos ainda por desvendar.

Ao cair da noite, a banda sonora da floresta tropical passa a ser dominada pelos cantos de pequenas criaturas de pele húmida conhecidas em Madagascar como *sahona* – as rãs. As melodias variam entre as espécies e a competição entre machos aumenta o volume. A subida às árvores pode ser entendida como uma diversão infantil, mas, para obter registo digital do canto destes animais, é necessário voltar a “ter” dez anos.

Com uma grande dose de paciência para superar várias noites frustradas, tive finalmente sorte no dia 6 de Dezembro de 2007. Depois de algumas horas de espera, pendurado no ramo de uma árvore a cinco metros de altura e com o rio a correr em baixo, finalmente registei um macho de *Boophis luteus* a cantar. Primeiro, foi um tímido assobio, logo intensificado à medida que o canto se complexificava. As costas doridas, os braços e pernas dormentes, as picadas contínuas dos mosquitos que não podiam ser sacudidos – tudo valeu a pena depois da incrível sensação de que a espera em plena escuridão foi recompensada. Quantas descobertas nos esperam ainda nas florestas primárias de Madagascar?

A segunda região, com uma área cerca de cem vezes superior, conta apenas com 99 espécies, localizando-se no Nordeste da ilha e apresentando maior amplitude de altitudes.

Este projecto reforçou a ideia de que a conservação e gestão das últimas bolsas florestadas que ligam Betampona à área protegida de Zahamena é urgente. Esta concessão foi proposta para lémures, mas a conectividade parece ser a chave para a viabilidade